

AO: Artigo de Opinião

CI-CPRI



Portugal

Portugal é um país no limite ocidental do continente europeu, com cerca de dez milhões de habitantes. É pequeno, periférico e pobre?

Portugal é o único país do sul da Europa que é atlântico. Virado para um Oceano de oportunidades. Possui pouco mais de um milhão de habitantes. Iniciou o processo de globalização. Ou seja, para o bem e para o mal, a globalização que vivemos tem raízes num povo virado para o mar que nunca foi periférico (por muito que povos europeus rivais sempre lhe tenham impingindo essa ideia).

Portugal não era periférico no séc. XV e muito menos agora em plena sociedade da tecnologia e da informação. De um monte alentejano perdido no meio da planície, e apenas através de um clique, é possível comunicar em tempo real com diferentes povos, continentes e culturas.

Portugal é pobre? Só se for de memória. Recorde-se que possui nove séculos de História e bateu recordes. O reinado mais longo da Europa (D. Afonso Henriques). E o reinado mais curto (D. Luís Filipe). Assinou a mais antiga aliança diplomática do mundo ainda em vigor (Tratado da Aliança Luso-Britânica, 1373). Foi o primeiro império global e o único destes que durou cinco séculos. O país possui as mais antigas e estáveis fronteiras do continente em que se insere. Reivindica o estatuto de primeiro Estado-Nação da Europa (um Estado, uma Nação, uma Língua).

O povo português nem quer ouvir falar neste passado. Desde que se revoltou no 25 de Abril de 1974, acabou com a ditadura e avançou para uma rápida descolonização que fizesse esquecer as desgraças perpetradas. Portugal culpabiliza-se. Ainda vive a ressaca de se ver confinado a fronteiras mais exíguas e conflituas com o seu novo papel de membro destabilizador de uma Zona EURO atualmente em crise, esgotada no seu paradigma. Os erros não são para se repetir. Mas também não é preciso pôr a cabeça na areia e desaparecer do mapa.

Portugal é pequeno? Só se for de espírito. Pelos vistos, perdeu-se a noção das vantagens que existem na gestão de um território pequeno e coeso. Ou na maximização da herança histórico-cultural do ponto de vista diplomático e turístico. O que dirá a China de nós,

quando é tão grande e populosa e problemática? Deve pensar que estamos doidos. Ou então que somos uma presa fácil para as suas mandíbulas de raposa e por isso mantém-se sossegada enquanto salteamos fora da toca.

A vitimização adoçada de orgulho ferido atira o povo na autoflagelação periódica e na crítica voraz ao seu país perante qualquer estrangeiro, mesmo quando desinteressado.

Ou seja, o problema dos lusitanos é outro e foi identificado há dois mil anos. Citando Caio Júlio César (sec. I a.C) trata-se de um povo que *nem se governa nem se deixa governar*. Entretanto desbaratam-se as pratas (já não há ouro) enquanto os gatos gordos se assanham e fogem os cérebros.

A hipótese de sermos *espanhóis, federais ou outra coisa qualquer* não resolve os nossos problemas. Apenas nos faz dependentes e improdutivos, e ridículos de tanto *estender a mão ao dinheiro alheio* para que possam decidir pela nossa cabeça.

Em Portugal, o Estado português ou a União europeia parecem ser a fonte de todos os salários, apoios e subsídios. E depois queixam-se do pesado défice orçamental e das elevadas dívidas pública e externa. O dinheiro, para ser repartido, tem de vir de algum lado.

Há falta de liderança na sociedade? Os problemas são alguns políticos ou estes são o espelho da sociedade e da mentalidade dominante no país? Precisamos todos de um salvador da pátria?

Uma população desesperada e sebastianista é vulnerável à desgraça. Esperar por um rei perdido no meio do nevoeiro, nem no séc. XVI fazia sentido, pois D. Sebastião era um rei fanático e incompetente. Aguardar pela vinda de um herói, implica uma espera que pode ser demasiado longa e *ar não alimenta barriga*.

Fraco rei faz fraca a forte gente.

Talvez seja hora da população deixar de confiar na sorte, investir em si própria, empreender e labutar com visão de futuro, mesmo com poucos recursos. **De um povo unido e valente nascem mais facilmente líderes capazes de velar pelo interesse nacional.**

O tempo urge. Infelizmente, os portugueses estão a viver um momento de viragem, que pode não ter retorno e assim marcar um futuro incerto. Os lusitanos costumam *desenrascar-se* em momentos de crise e de especial dificuldade.

Mas nada está garantido. Portanto, ou Portugal volta à ribalta ou afunda-se no esquecimento do xadrez internacional.

O futuro mantém-se incerto, conjuntural, inconstante. Andamos sempre de corda ao pescoço. Até parece que o nosso primeiro rei foi D. Egas Moniz.

Mas não. Os lusitanos tornaram-se portugueses com D. Afonso Henriques, um monarca que teve de conquistar o trono mas também lutou uma vida inteira para o manter. É cansativo. É frustrante. Exige trabalho. E muita determinação.

Mas D. Afonso Henriques nunca deixou de lutar e governou até morrer. Consta do livro dos recordes, um critério como outro para provar que foi o melhor.

*Um líder vence porque é o melhor.
Não se desculpa com o fado, a época do ano e os outros.*